

# Opinião

EDITORIAL

## Sinta-se em casa, se puder

O brasileiro é, por natureza, bem receptivo aos estrangeiros, não deixando que diferenças culturais, étnicas e religiosas sejam barreiras para a criação de relações duradouras de amizade. Mas as situações econômica, política e jurídica são particularmente difíceis para expatriados que tentam estabelecer suas vidas por aqui. As constatações estão na mais nova edição do *Expat Insider*, criado pela comunidade *Internations* há quatro anos.

“Sem medalha de ouro para o Brasil” é o capítulo do índice dedicado ao Brasil, o que vale como um lembrete de como estamos longe do pódio de atratividade aos estrangeiros mesmo após a boa exposição com a realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro no ano passado. Saímos da 64ª colocação em 2016 para a 62ª em 2017 e estamos entre os piores destinos, ao lado de Grécia, Kuwait, Nigéria, Arábia Saudita, Itália, Ucrânia, Qatar, Índia e Turquia.

O que puxa o Brasil para cima é o clima favorável e a hospitalidade da população. Na pesquisa feita pela comunidade, 85% se declararam positivamente afetados pelas condições meteorológicas locais. Três quintos dos respondentes disseram ser fácil fazer amigos por aqui e 53% afirmaram que os locais são seus principais conhecidos – lembrando que a média mundial é de apenas 19%.

Mas quando entram questões como custo de vida, finanças pessoais e oferta de serviços de transporte e saúde, tudo muda de figura: 59% estão insatisfeitos com os preços locais, o dobro da média global. Nesse quesito, estamos na 54ª posição entre 65 países. O subitem “trabalho” é pior desempenho brasileiro no ranking. Cerca de um terço dos entrevistados não estão satisfeitos com suas perspectivas de carreira e segurança no emprego. Não falar português é um dos principais impedimentos citados pelos expatriados.

O item segurança pessoal foi comentado negativamente por 68% das pessoas ouvidas no Brasil, só à frente da Nigéria. Também exercem influência negativa sobre o tema “qualidade de vida” a infraestrutura de transportes e o acesso e a qualidade aos cuidados médicos básicos. Não fiquem muito à vontade.

.....  
**AMBIENTE ECONÔMICO É HOSTIL AOS EXPATRIADOS NO BRASIL, APESAR DA HOSPITALIDADE**  
 .....

LILIANA LAVORATTI

EDITORA-FECHAMENTO  
 liliana@dci.com.br



PLANO DE VOO

## 'Pega Ladrão', grita motorista a Joesley

Um grito de "pega Ladrão" rompeu ontem o silêncio na rua de casas de luxo, cercadas por muros altos, onde mora o empresário Joesley Batista, nos Jardins, bairro nobre da capital paulista. Era o protesto de um motorista que chegava na casa vizinha à do dono da J&F. Segundo o Estadão Conteúdo, o movimento na rua era de poucos carros e de moradores. A maioria interagiu com os profissionais da imprensa que aguardavam por notícias no local. Dois carros saíram da residência. Um motorista levava uma criança no banco de trás, provavelmente o filho de Joesley, e um Porsche era dirigido pela mulher de Joesley, Ticiania Villas Boas.

## Entrega à 'francesa'

De maneira discreta, o empresário Joesley Batista, dono do grupo J&F, e o executivo Ricardo Saud estavam em São Paulo, e por volta das 14h se entregaram à Polícia Federal, em São Paulo, conforme informou o Estadão Conteúdo. O ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), decidiu atender ao pedido do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, e determinou a prisão temporária dos dois delatores do grupo J&F. Segundo o Estadão Conteúdo apurou, eles ficarão, inicialmente, detidos durante os próximos cinco dias. A prisão pode ser prorrogada.

## Fachin poupou Miller

Ao mandar prender Joesley Batista e Ricardo Saud, executivos do grupo J&F, o ministro Edson Fachin ressaltou que, “em liberdade, os colaboradores encontrariam os mesmos estímulos voltados a ocultar parte dos elementos probatórios”. O magistrado decretou prisão temporária dos empresários e negou o encarceramento do ex-procurador Marcelo Miller. Ele é o pivô da investigação que pode culminar com a rescisão da delação da JBS, embasada em áudio enviado pela defesa dos colaboradores em anexo complementar sobre o senador Ciro Nogueira (PP).

## Agora vai?

Baixa inflação, juros em queda, melhora do mercado de trabalho e crescimento do PIB serão alguns dos temas em pauta no Terceiro Seminário de Análise Conjuntural do Instituto Brasileiro de Economia da FGV-Rio, hoje. O objetivo é apontar as perspectivas para a economia brasileira, que vem mostrando sinais de recuperação, mesmo que lenta. Para Regis Bonelli, coordenador do Boletim Macro da FGV IBRE, de junho para cá a economia mudou, mostrando sinais mais claros de que está no caminho da retomada, e a recuperação ganhou consistência.

## Hospitais, pacientes e futuro

Os desafios do novo paciente, as transformações nos sistemas de saúde e as inovações e tecnologias no setor da saúde no Brasil e no mundo. Esses e outros assuntos concluirão a 5ª edição do Congresso Nacional de Hospitais Privados (Conahp), 22 a 24 de novembro, em São Paulo. Com o tema “O hospital do futuro: o futuro dos hospitais”, o evento reunirá as principais instituições de saúde do país, além de especialistas e autoridades da área no Brasil e de outros países, entre eles Fábio Gandour, cientista-chefe da IBM Brasil.

ARTIGO

## A volta do pibinho

Dados do segundo trimestre mostram a economia em recuperação anêmica

Dois semanas atrás o IBGE anunciou o resultado do PIB do segundo semestre de 2017. Na comparação com o primeiro trimestre de 2017 (com ajuste sazonal), o PIB brasileiro apresentou um crescimento de 0,2%. É o segundo trimestre consecutivo de avanço do PIB, o que, na avaliação da equipe econômica do governo, significa que a economia brasileira finalmente saiu da grande recessão iniciada no segundo trimestre de 2014.

Acredito que essa avaliação é precipitada. Quando olhamos para a composição desse crescimento, observamos que, pelo lado da demanda, o crescimento foi puxado pelo aumento dos gastos de consumo das famílias, os quais cresceram 1,4% na comparação com o primeiro trimestre de 2017.

Boa parte desse aumento de consumo foi induzido pelos saques das contas inativas do FGTS, haja vista que o comércio apresentou um crescimento de 0,9%. Como se trata de um evento que não irá se repetir nos próximos trimestres então o consumo das famílias deve apresentar uma desaceleração no seu ritmo de crescimento até o final do ano.

Também chama atenção na decomposição do crescimento pelo lado da demanda o fato de os gastos de investimento recuarem 0,7% na comparação com o primeiro trimestre. Segundo o IBGE, o comportamento do investimento deveu-se à queda da importação de bens de capital e ao desempenho negativo da construção civil.

Quanto à importação de bens de capital, a queda indica que os empresários, confrontados com uma enorme capacidade ociosa, não estão animados para gastar com ampliação e modernização do parque produtivo, sem os quais é impossível aumentar a produtividade do trabalho e, com ela, a competitividade da indústria. Sem aumentar a produtividade é impossível

ter um ciclo sustentado de crescimento econômico. Já o desempenho negativo da construção civil reflete o efeito da política de contingenciamento dos gastos públicos no início de 2017 pelo governo para cumprir a meta de resultado primário, dada a frustração de receitas advinda da economia fraca. O ajuste fiscal via corte de investimento público continua cobrando um preço alto em termos de redução do potencial de avanço econômico.

Pelo lado da composição da oferta, observamos que a indústria brasileira continua em crise, apresentando uma queda de 0,5% com respeito ao primeiro trimestre de 2017. Ao olhar o comportamento dos diversos setores da indústria, constatamos que a queda da atividade industrial decorre da queda da construção civil e utilidades públicas; já a indústria de transformação se manteve estável, com avanço de 0,1%. O setor que puxou o crescimento pelo lado da oferta foi o de serviços, notadamente o comércio. Como a produtividade é muito mais baixa no comércio do que na indústria,

a mudança na composição setorial da oferta veio acompanhada de queda da produtividade média da economia. Produtividade média mais baixa significa lucros menores no agregado – a não ser que os salários caiam de forma mais do que proporcional – o que desestimula ainda mais o investimento em ampliação e modernização da capacidade produtiva.

Em suma, os dados do segundo trimestre mostram uma economia que apresenta uma recuperação anêmica.

O espírito animal dos empresários continua adormecido e, mais importante, não há sinal de recuperação consistente da indústria de transformação. É a volta do Pibinho.

joreirocosta@yahoo.com.br

DCI

Panorama  
 Diário  
 Comercial e  
 Publicidade  
 Ltda.

“É vetada a reprodução parcial ou integral do conteúdo deste jornal, a não ser com a autorização expressa do Diretor de Redação”

FSC  
 www.fsc.org  
 MISTO  
 Papel produzido a partir de fontes responsáveis  
 FSC® C113259

IVC

ASSOCIADO A  
 ANJ

CENF

CONSELHO EDITORIAL - Alaíde Quercia, Duilio Calciolari, Claudia Rei, Raphael Müller e Roberto Lira

DIRETORIA - DIRETOR EXECUTIVO: Raphael Müller - raphaelmuller@dci.com.br

REDAÇÃO - DIRETOR: Roberto Lira - roberto.lira@dci.com.br;  
 EDITORA-ABERTURA: Adriane Castilho - adriane.castilho@dci.com.br;  
 EDITORA-FECHAMENTO: Liliana Lavoratti - liliana@dci.com.br;  
 EDITORES: Anna Lúcia França, Fernanda Bompan, Jô Pasquatto, Paula Cristina Silva, Vanessa Stecanella e Wagner Gueller

CORRESPONDENTES: BAURU - Anna Maria Ferreira, BRASÍLIA - Abnor Gondim, CAMPINAS - Milton Paes, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - Julio Ottoni; AGÊNCIAS NOTICIOSAS: Agência Brasil (AB), Agência Estado (AE), Agência Lusa (AL) e Reuters

DEPARTAMENTO COMERCIAL - DIRETOR: Martim Novaes - martim.novaes@dci.com.br; GERENTES:

Nacional - Sandro Bertolotti - sandrob@dci.com.br - Publicidade Legal - Carlos Pontes - carlos.pontes@dci.com.br

Publicidade - Para anunciar: (11) 5095-5300/5301 de 2ª a 6ª, das 8 às 19 horas, e-mail: comercial.institucional@dci.com.br/comercial.legal@dci.com.br

Departamento de assinaturas - ATENDIMENTO AO ASSINANTE (SAA): Dúvidas, sugestões ou reclamações: (11) 5095-5335 de 2ª a 6ª, das 8 às 18 horas, e-mail: atendimento@dci.com.br; Para assinar: São Paulo e Grande São Paulo - (11) 5095-5335, Demais localidades - 0800-77-03-324, assinaturas@dci.com.br

Redação - Telefone (11) 5095 5200, fax (11) 5095 5308, e-mail: redacao@dci.com.br

Sede São Paulo - Rua Major Quedinho, 90 - 7ª e 8ª andar, Centro, São Paulo, SP, CEP 01050-030, Telefone (11) 5095 5200

Sucursal Rio - Avenida Rio Branco, 156, sala 1616 / Centro, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20040-901, Telefone (21) 3178 4517

Impressão - S.A. O Estado de S. Paulo